

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs. com estampilha..... 600 rs. Fóra do reino accresce o porte do correio. Anunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração Rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha. Anuncios e comunicados, a 50 rs. linha. Repetições 25 rs linha. Anuncios permanentes 5 " Folha avulso..... 40 rei

Sede da imprensa Rua da Fabrica, n.º 11—Porto

AS ELEIÇÕES

Passou esse periodo de tormenta sem que haja a lamentar a menor desgraça. Bom foi isso, porque actos maus trazem sempre terríveis consequencias. E, dispostos todos como estavam para a lucta, não seria facil prevêr até onde os luctadores iriam. Bom foi isso para que nós possamos apertarnos as mãos, reatar, sem desdousos, as antigas relações de amizade.

Está o horisonte limpo e devemos esquecer as nossas rixas de palavras, os stultos planos que cada um forjava contra os seus adversarios. Entrêmos de boa mente na obra de pacificação, que é bem necessaria á nossa terra.

Mostremos lá fóra que não somos um povo de selvagens, sem lei, sem ordem e sem civilisação.

O paiz tinha os olhos postos em nós. Esperava-se uma lucta sangrenta com grave escandalo a ser explorado pelos jornaes.

Mas démos um bom exemplo de cordura.

Isto é muito, porém resta fazer mais alguma coisa.

As eleições correram com ordem. O povo conservou-se dentro dos limites da lei. Da parte dos chefes dos grupos viu-se a maxima correcção e cordura:—nem um dito que melindrasse, nem um ataque, que offendesse.

As eleições fizeram, mas nunca um grupo não esteve presente desde o principio até ao fim dos trabalhos.

E se estivesse o que succederia?

A nós parece-nos que continuaria a mesma ordem e o mesmo respeito.

Comtudo no espirito de muitos fica sempre a duvida a germinar; lá fica tambem o receio para luctas futuras.

E' necessario, pois, educar o povo nas luctas legaes e ordeiras—é necessario desfazer aquella duvida.

Façamos um appello aos partidos. Vamos todos luctar dentro da lei.

Que importa a derrota d'um? Nada. Perder não é deshonra; perde-se hoje para amanhã vencer. E' luctando com virilidade, com força que os partidos se disciplinam: é luctando sempre, sempre que se apuram no crisol do combate.

Deshonra é usar de processos indignos e vexatorios embora se adquira uma falsa victoria. Deshonra é diffamar dos adversarios e trazer para o campo a sua vida intima. Deshonra é lançar mão de intrigas vis e mesquinhas para deturpar as melhores intenções.

Luctemos, pois, dignamente a toda a altura da missão que nos impõem aquelles que confiaram a nós a sua direcção. Luctemos, mas sem rancor, sem o pequeno espirito da vingança ou da inveja.

Dadas as mãos como amigos vamos para o combate como adversarios.

Hoje vencem uns, poderão depois perder. E se não perderem, alguma coisa ganha o vencido—é crear para a nossa terra um nome melhor do que alcançou, é quebrar as tristissimas tradições em que todos somos culpados.

E' tempo de fazer justiça.

Ninguém desconhece hoje que, não os chefes, mas algumas cabeças tresloucadas do grupo aralista, queriam pôr em pratica durante o periodo eleitoral scenas sangrentas como as que estão ennodando Povo de Varzim e outras terras do paiz.

Esses encontraram, porém, no digno governador civil do nosso districto e no illustrado commandante do batalhão das reservas d'esta villa o maior obstaculo ás suas malevolas intenções.

O sr. dr. Luiz de Magalhães não esqueceu felizmente que é filho do grande liberal José Estevão. Não

esqueceu quanto deve ás tradições gloriosas de seu pae. As violencias eleitoraes, os assaltos aos eleitores indefezos não podiam encontrar ecco em sua s. ex.ª que é um espirito culto e de elevadas aspirações. Nunca os opprimidos, os ameaçados para elle recorreram que não encontrassem um stricto observador da lei.

Nós, que nunca lhe dirigimos a mais insignificante palavra de louvor antes das eleições, podemos agora á nossa vontade fazer plena justiça ao seu character, sem receio de que nos tomem por lisonjeiros.

Ao digno tenente-coronel, ao velho respeitavel, que apenas conhecemos no dia da eleição, se deve não ter corrido sangue em abundancia na primeira lucta.

Que seria se elle não interviesse?

Defrontados corpo a corpo os policias e os eleitores da opposição, bastava estalar o primeiro tiro para que corresse o sangue a jorros.

Poderia o brioso militar ser egoista e deixar ferir homens de terra que não era a sua e que lhe eram completamente extranhos. Preferia todavia cumprir a lei, mostrar que era o mais seguro elemento da ordem.

Ha-de-o abençoar uma terra inteira sem distincção de côr politica, porque sem distincção de côr politica seriam os feridos d'um e d'outro lado. Por fim, aberto o conflicto, aonde se iriam alajar as balas? Conheciam ellas porventura quaes eram os aralistas, progressistas ou dessidentes?

Pode n interpretar mal o seu procedimento, malsinar as suas intenções aquelles que estavam a essas horas em casa a vêr os outros arcar com as dificuldades.

Mas aquelles que se víram frente a frente com o perig, terão sempre pelo bondoso velho, pelo distincto official do nosso exercito, a consideração e o respeito equivalentes a tão generoso acto de altruismo.

No nosso espirito as eleições deixaram como resultante

—para os nossos amigos, uma gratidão profunda.

—para os nossos alliaados, a mais absoluta lealdade.

—para os nossos adversarios, respeito e consideração.

—para o illustrado governador civil do districto e para o digno commandante das reservas, preito de sincera homenagem.

Em paz com a nossa consciencia estendemos as mãos aos nossos adversarios. Alliemo-nos todos para a pacificação do nosso concelho porque é bem digno d'um bom futuro.

ELLES E NÓS

É forçoso vêr nos aralistas um grupo decadente, nos ultimos arrancos da agonia.

Essa politica vinha de ha muito condemnada pelos seus processos, pelas suas aspirações. O tempo havia pedido uma transformação, e o partido em vez de se sujeitar a uma evolução logica e natural consentira que o seu chefe usasse e abusasse do direito de *vita et necis* sobre os seus correligionarios.

A nossa separação, espicacando a vaidade e o amor proprio d'alguns rapazitos, que antes viviam na obscuridade e na indiferença, arrastou-os para o lado do sr. Aralla.

Pensavam muitos que as irrequietas creanças podessem levar o sr. dr. Aralla a uma transformação politica. Puro engano. O velho chefe cuidava apenas de si, da sua vaidade abatida.

A eleição de deputados, trazendo ao sr. dr. Aralla uma derrota e uma desillusão, animou os rapazitos a insurgirem-se contra o despotismo de que nos queixavamos.

Elles organisaram a sua lista camararia, composta quasi exclusivamente de *casacas*, elemento preponderante nos novissimos *politicos*.

A lista foi imposta ao chefe, a quem já mal consideravam.

Mas o sr. dr. Aralla, chegando á vespera da eleição, mostrou-lhes que debalde se lhe impunham. Quando os rapazes contavam com o povo

aralista para disputar a minoria da camara, portadores, por ordem do chefe, levavam aos influentes do concelho ordens terminantes, positivas para que toda a gente abandonasse a lucta.

Então os rapazitos rugiram fundas ameaças, fizeram ditos causticantes. Um propunha que se organisasse o enterro do sr. dr. Aralla, pegando ao caixão quatro dos seus mais esfarrapados caceteiros: outro queria que uma philharmonica lhe fosse tocar á porta marchas funebres. Outro propunha ainda que fosse votado ao ostracismo, creando a rapaziada um centro para se entender com a gente de Lisboa.

No dia seguinte ao da eleição era um borburinho medonho da parte d'essa rapaziada escolhida. Cada qual esfarrapava um pedaço do manto d'aquelle Christo politico.

Ora a verdade é que esses homens não tinham razão alguma.

O sr. dr. Aralla esteve sempre dentro do seu papel de senhor absoluto. Não lhe podem notar incoherencias ou contradicções.

Sabiam todos, e por vezes lhes tinhamos dito, que o sr. dr. Aralla não consentia dentro do partido a mais pequena interferencia ou conselho. Obediencia passiva ou nada.

Isto era um mal? Elles é que não devem discutir esse ponto. Juraram bandeiras no seu grupo depois de pleno conhecimento da causa. Se o não sabiam retirassem a tempo.

Porém depois da queda, não podiam encobrir a derrota com injurias lançadas contra aquelle que os havia commandado e cuja direcção haviam accettato.

Injuriar o homem que cahe, cuspir insultos sobre o desamparado não é proprio de homens dignos nem serios.

Ficava-lhes melhor amparar na queda, chorar juntos com o homem que dias antes incensavam. Assim havemos de tomal-os por sabujos, que lambem as botas aos poderosos e ladrões das esquiuas aos que consideram pequenos.

Essa scena, tantas vezes repetida no nosso pequeno meio por a turba de rapazitos, causa-nos profundo nojo e asco. É que se um ou outro, por menos atilado, é sincero, os demais são tristissimos especuladores, tendo apenas por alvo satisfazer a sua inveja, o seu capricho ou os seus interesses individuaes.

Como vêem, o martyrio do sr. dr. Aralla, soffrendo derrotas, desillusões e vexames não nos faz arrefecer o espirito de justiça.

Fizemos-lhe uma guerra de morte, batemol-o com toda a força, em todos os campos, mas sempre com armas leaes. Elle declarou-se incompativel comnosco, como nós nos declarámos incompativeis com elle. Fomos e seremos seus adversarios até que um dos grupos fique definitivamente esmagado pelo outro; mas repugnamos-nos os meios vis que os seus correligionarios estão usando. É que no campo politico não admittimos meios termos:—ou amigos leaes até á ultima, ou adversarios intransigentes.

Ou por vontade e conhecimento de causa ou por inepecia, os correligionarios do sr. dr. Aralla, procuram esfacellar a sua politica e o seu partido. Levam elles no amago do partido e desanimo e o desespero.

Querendo uns affastar de si a responsabilidade da derrota pedem o enterro do sr. Aralla com marcha funebre. Querendo outros arranjar-lhe uma defeza escrevem:

«Morreu o partido regenerador. Eis o brado que resoa por todos os cantos politicos cá da terra».

Até aqui ellos: agora nós. Valendo-se da intriga, disseram os aralistas que o nosso grupo morreria breve—1.º porque lhe faltavam todos os elementos, pois nem seis votos alcançariamos, 2.º porque commandado em absoluto por um homem ambicioso esses poucos se apartariam.

Se valiamos muito ou pouco disseram-no as aleições. De resto o nosso grupo conservou-se e conserva-se tão unido tão disciplinado, que não succumbirá ás intrigas constantes forjadas pelos adversarios.

Constituidos e organizados escolhemos um chefe digno e serio, o sr. dr. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente. E' um chefe que consulta os seus amigos, é um chefe que não tem uma unica nodoa na sua vida.

Não precisamos de senhores absolutos, nem o sr. dr. Valente tem semelhantes aspirações, que, em vez de elevarem, abatem um homem politico.

Mas por elle temos sempre a maxima deferencia e consideração. E' nosso chefe no partido e é nosso chefe na camara. Desde que os nossos alliados, os progressistas, a tanto o elevaram, elevando o nosso grupo, não podiamos pedir coisa alguma;—da nossa parte estava usar com igual delicadeza no numero de vereadores.

Se amanhã, o nosso grupo fosse victimado pelas intrigas aralistas, do que duvidamos, soffreriamos com boa vontade o golpe porque todos nos tinha mos sacrificado pelo nos-

so chefe, sem que elle impozesse tal sacrificio.

Só assim comprehendemos a politica e a solidariedade os partidaria.

Longe de proceder como aralistas que esfarrapam o sr. dr. Aralla depois da queda, unir-nos-iam ao sr. dr. Valente como preito de consideração pelas suas elevadas qualidades.

Apreciando o nosso grupo dizem os aralistas no seu jornal:

«Quem ha que não conheça o redactor do «Povo d'Ovar» como um politico abandonado, ambicioso, pequeno no character e grande nos seus erros politicos?»

E logo abaixo, no mesmo artigo, continuam:

«O que sem duvida lastimamos é que sendo o sr. Fragateiro, tão illustrado e tão fino, verdadeiro chefe d'um partido dessidente, como dizia, entrasse na camara com a minoria!»

Ninguem comprehende o que estes criticos querem.

Pois se o dr. Fragateiro, redactor d'este jornal, que inculcam chefe de um grupo, é tão ambicioso como o fazem porque não tomou elle para si a presidencia da camara e com ella a maioria?

Se o mesmo dr. Fragateiro é um politico abandonado com que direito havia elle de pedir sequer a minoria da camara?

Ora fiquem os aralistas sabendo que nem o dr. Fragateiro pediu a presidencia para si, nem para o seu chefe—nem pediu a minoria nem a maioria. Nem elle nem o grupo de que faz parte pediram ou contractaram coisa alguma.

N'uma reunião em que estavam representados os dois grupos progressista e dissidente, proposto pelos progressistas o sr. dr. Valente para a presidencia da camara, procuraram todos escolher os melhores vereadores sem inquirir se ficava pertencente a um ou outro grupo maior ou menor numero de elementos. Estamos certissimos de que a essa reunião presidiu a melhor boa fé; e tanto que sendo necessario no dia immediato trocar o nome d'um vereador todos accederam da melhor vontade á proposta.

Já veem pois os aralistas que não ha o menor receio de golpes ou divergencias: nem do nosso lado ha ambiciosos capazes de comprometerem o bem do seu grupo simplesmente para satisfazer invejas ou amor proprio offendido.

Por lá não succede d'isto; mas tambem por cá quando se assenta em que se ha de lutar, lucha-se até ao fim. Homens e processos são bem diferentes.

SUPPLICA

Como és bella, creança ao cravar
Os teus olhos brilhantes nos meus!
Como és bella, creança, a corar,
Se meus olhos se fitam nos teus!

Eu não sei o que sinto ao olhar-te
Debruçada na tua janella!
Se contemplo esses olhos que matam,
Cada vez me pareces mais bella!...

O' creança, não vês que torturas
A minha alma quando olhas assim?
Tu não vês que me leva a vida
N'esses olhos que fitas em mim?

Foi ao ver-te que meu coração
Com gran força por ti só pulsou;
Foi por ti e sóriente por ti
Que meu peito d'amor se abraçou.

Desde então, nunca mais foi possível
Apagar-te de meu coração.
Desejava poder esquecer-te;
Fiz esforços, porém, tudo em vão!

Que loucura, meu Deus! Oh! Eu amo-te
C'um amor que não existe em ninguem,
Como se ama ou adora uma virgem,
Como se ama ou adora uma mãe!

O' creança, concede o que peço,
E verás como fico contente:
—Um sorriso a brincar em teus labios...
Como vês não é ser exigente...

Ovar, novembro de 92.

A. F.

Novidades

Partida—Partiu para Lisboa o nosso sympathico amigo sr. Antonio d'Oliveira Gomes.

No Furadouro—Têm-se animado bastante nos ultimos tempos as novas construcções na nossa costa.

Como agora já se não levantam difficuldades na distribuição dos terrenos, a camara tem marcado muitos logares. Ainda na sexta-feira se fez uma grande distribuição aos donos dos palheiros incendiados.

—Houve apenas um dia de trabalho na nossa costa e ainda assim sem resultado.

Em frente da costa têm andado grande numero de lanchas a pescar, signal de haver proximo da terra grandes cardumes de sardinhas; porém o mar não permite a entrada dos barcos.

—A colonia balnear está já muito reduzida. A assembleia fechou-se por falta de concorrência.

Não succede o mesmo ao café do sr. Cerveira, onde se tem juntado bastante gente.

Estradas—Continuam a maior parte das nossas estradas em lastimoso estado.

E' bem verdade que os cantoneiros e os seus chefes teem feito o que humanamente é possível para reparar aqui e alem grandes buracos por onde os carros não podem passar.

Falta quasi por completo o dinheiro e por isso os chefes dos cantoneiros andam sempre a inquirir onde podem comprar o calhau por preço insignificante, pedem aos lavradores para gratuitamente fazerem os carretos. Em vez de saibro ou balastro para a estrada empregam areia porque não teem dinheiro para o comprar.

Em um dia d'estes vimos um dos chefes de cantoneiros a agradecer reconhecido, como se fosse para obra sua, um pouco de

balastro que um cavalheiro d'esta villa cedeu para a estrada de Cimo de Villa.

Muito boa vontade teem os empregados, fazem mais do que podem, mas a impossiveis é que ninguem é obrigado.

—Ao governo pedimos que acuda ás estradas do nosso concelho com alguma verba por modesta que seja.

Eleições parochiaes

—Por ordem superior foram mandados sustar todos os trabalhos das commissões do recenseamento eleitoral com respeito ás eleições da junta de parochia.

Provavelmente as eleições já não teem logar no dia 27 do corrente mez, como se manda no codigo administrativo.

Apuramento eleitoral

—Teve hoje logar nos paços do concelho a assembleia d'apuramento de eleição camararia.

A lista que obteve vencimento é a seguinte:

Vereadores effectivos

MAIORIA

Dr. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente, proprietario.

Dr. Francisco Fragateiro de Pinho Branco, advogado.

José Pacheco Polonia, negociante.

José Carlos d'Oliveira, proprietario.

Antonio Ferreira da Costa Junior, lavrador.

MINORIA

Custodio José da Silva, lavrador.

Manoel d'Oliveira Valente, negociante.

Substitutos

MAIORIA

Manoel Martins d'Oliveira Vaz, proprietario.

José Maria d'Oliveira Picado, lavrador.

José Duarte Pereira Sebe, lavrador.

Semeão d'Oliveira da Cunha, negociante.

Placido d'Oliveira Ramos, ourives.

MINORIA

Manoel d'Oliveira Reis, proprietario.

Francisco Ignacio Ferreira Soares, proprietario.

A apreciação d'esta lista hade ser feita pelo povo do nosso concelho, quando tiver conhecimento das resoluções tomadas nas sessões da camara.

Todos os ataques e todos os elogios são por enquanto prematuros, a nosso ver.

Para rir

—O nosso collega «Folha d'Ovar» anda com certeza a mangar com as tropas.

Ora leiam o que escreve no primeiro artigo:

«Se o sr. dr. Aralla morreu, porque foi que, depois de elle declarar que não iria á urna, ninguem mais se atreveu a ir á eleição?»

Oh homens de Deus! Pois então os progressistas e nós não fomos á eleição? Haviam de estar á espera que s. ex.ª nos ordenasse?!

E mais abaixo continua:

«Então o sr. Aralla morreu? Que nos respondam aquelles que desistiram da lucha só porque elle tambem desistiu».

Nós é que affirmamos que o sr. Aralla não morreu, porque ainda hontem o vimos são e escoreito na sua casa do Matto Grosso. Qual morreu qual carapuça.

Porém á vida politica é que elle disse adeus.

E se não que o digam o sr. dr. Sobreira que queria pegar a uma das borlas do caixão; o sr. dr. Descalço que acompanhava a marcha funebre; o sr. dr. Azevedo que já estava deitando os olhos compassivos para a campanha: o sr. Manoel Joaquim Rodrigues que viu frustrados os seus gigantes esforços de dar batalha.

É verdade que todos estes desistiram de ir á eleição, como desistiram os influentes das frequezias. Mas seria por obediencia ao sr. dr. Aralla? Oh! não, por certo não. Desistiram contra vontade, arrelhiados, dizendo mal do chefe. Se desistiram é porque não puderam mais: se na lucha vissem um partido republicano, socialista ou anarchista a que se podessem sem desdouro encostar, iriam á urna quer o sr. Aralla quizesse quer não.

Onde é que estão os verdadeiros amigos do sr. Aralla que o nosso collega griphou tanto? Não os vemos. O gripho é provavelmente piada a esses amigos que vieram para a rua tosar politicamente o dr. Aralla.

Descance a «Folha» porque o sr. Aralla não morreu. Ainda não tocaram os sinos. Agora o que morreu foi o chefe politico dos aralistas. A esse entoamos o *De profundis clamavi ad te*, e, coitadinho! foi até á cova acompanhado de insultos dos seus proprios amigos e desamparado de todos.

E já dos antigos isto—«quando eu tinha bois e vaccas toda a gente dizia—Adeus tio Pedro: agora que não tenho bois nem vaccas ninguem diz—adeus tio Pedro.»

S. Martinho

—Na sexta-feira festejou-se por ahí muito o S. Martinho em varias capellas quer da villa quer d'Arruela.

Os devotos do santo fizeram diferentes eleições, que não tiveram acompanhamento de caceite, nem de socco. Uma paz podre no dia do santo.

Bom foi isso.

Matricula de barcos

—A direcção da circumscripção hydraulica d'Aveiro está exigindo o cumprimento stricto do regulamento.

Em um dos artigos do regulamento impõe-se multas ao dono ou arrais do barco que navegou na ria d'Aveiro sem matricula.

Ora como até hoje ninguem tem feito caso de matricular os barcos, vão respondendo a policias correccionaes em Aveiro muitos individuos do nosso concelho, que passam com seus barcos n'aquella cidade.

Aqui deixamos aviso a todos os donos dos barcos. Vão matricular os á respectiva direcção para evitar incommodos e despezas.

Uma actriz franceza vitriolada — «Conta o «Gil Blas»:

Ivette Guilbert acaba afortunadamente de escapar a um terrível attentado.

Alguem tentou vitriolar-a. Ficou queimado todo o vestido da *divetta*, que — felizmente apenas soffreu um grande susto.

Parece que a gentil rapariga tem suscitado muitos e fortes odios ciumentos.

A frase do dia agora, em Paris, vai ser:

—Procurem o vitriolador de Ivette.

Litteratura

O CABECILHA

POR

ALPHONSE DAUDET

(Conclusão)

«Viva Dios! meus filhos, — disse elle com um ar de bonhomia — a Republica alimenta bem mal os seus defensores. Eis-vos todos tão magros como os lobos dos Pyreneus quando as montanhas estão revestidas de neve e elles veem farejar na planície o cheiro da carne, á luz que passa por baixo das portas dos casebres. E' se tratado d'outra forma ao serviço da boa causa, quereis exprimental-o *hermanos*? Deitae fóra essas infames barrelinas e cobri a cabeça com os nossos gorros brancos... Tão verdade como ser hoje o santo dia de Paschoa, aos que gritarem «Viva o Rei!» dou-lhes a vida salva e os viveres de campanha como aos meus soldados.»

Antes que o bom do padre tivesse concluído, todas as barrelinas iam pelo ar e os gritos de «Viva o Rei Carlos! viva o cabecilha!» retumbavam na montanha. Pobres diabos! Tinham tido tanto medo de morrer, e era tão tentadora toda aquella bôa carne que perto elles sentiam assar na grelha ao abrigo das rochas, nos fogos de bivaque...

Eu creio que nunca o preten-dente foi aclamado tão do coração. «Que lhes deem, depressa, de comer — disse o cura, rindo — quando os lobos gritam d'esta forma, é que teem os dentes compridos.» Os carabineiros afastaram-se. Mas um, entre elles o mais joven, ficou apumado diante do chefe, n'uma attitude resoluta e altiva que contrastava com as suas feições de creança e com a pennugem fina, apenas corada, que polvilhava as suas faces d'um pó louro. O seu capote muito grande para elle fazia préguas nas costas, nos braços, levantava-se nas mangas em dois punhos compridos, e pela sua amplitude adelgacava-o, rejuvenescia-o ainda mais. Elle tinha febre nos grandes olhos brilhantes, olhos d'arabe avivados pela chamma hespanhola. E esta chamma incommodava o cabecilha.

— O que queres? perguntou-lhe este.

— Nada... Espero que decidais de minha sorte.

— Mas a tua sorte será a dos outros.

Eu não nomeei ninguem. A graça era para todos

— Os outros são traidores e cobardes... Eu fui o unico que não gritou.

O cabecilha estremeceu e fitou-o com fixidez.

— Como te chamas tu?

— Tonio Vidal.

— D'onde és?

— De Puycerda.

— E a idade?

— Dezete annos.

— Já a Republica não tem mais homens, pois que se vê reduzida a recrutar creanças?

— Não me recrutaram, padre... Sou voluntario.

— Tu sabes, bregeiro, que tenho mais d'um modo para te fazer gritar: «Viva o Rei!»

A creança teve um gesto soberbo:

— Desafio-vos!

— Preferes então morrer?

— Com vezes!

— Está bem... morrerás.

Então o cura fez um signal e o pelotão d'execução veio formar-se em frente do condemnado, que não pestanejou. Diante d'esta bella coragem, o chefe teve um movimento de piedade.

«Não tens nada que pedir-me antes...? Queres comer? Queres beber?»

— Não! respondeu a creança; mas sou bom catholico, não desejava apresentar-me a Deus sem confissão.

O cabecilha tinha ainda a sobrepeliz e a estola. «Ajoelha-te» disse elle, sentando-se n'uma rocha; e, tendo-se os soldados affastado, o condemnado começou em voz baixa: Abençoi-me, meu padre, porque eu pequei...

Mas eis que no meio da confissão uma fuzilaria terrível rebenta á entrada do desfiladeiro.

— A's armas! gritam as sentinellas.

O cabecilha pula d'um lado para o outro, dá ordens, distribue os postos, dispersa os seus soldados. Elle proprio arremessa-se sobre um bacamarte sem perder tempo a tirar a sobrepeliz; e ao voltar-so vê a creança sempre de joelhos.

— Que fazes ahí, tu?

— Espero a absolvição.

— E' verdade, diz o sacerdote... tinha-me esquecido.

Gravemente eleva a mão, abençoa aquella joven cabeça inclinada; depois, antes de partir, procura em torno de si com os olhos o pelotão de execução disperso na desordem de ataque, desvia-se um passo, aponta a arma ao penitente e fulmina-o á queima-roupa.

Versão livre de T. S. S.

NOTICIAS DO PORTO

Porto 10 de Novembro

Chronica eleitoral — Um punhado de noticias — Passou finalmente, a tempestade eleitoral.

Correu mais tortuosa que a eleição de deputados, a eleição camararia.

Suscitaram-se duvidas, lavram-se protestos, effectuaram-se prisões, emfim um momento eleitoral mais renhido que aquelle que lhe antecedeu.

Desde ha muito que nos arraiaes politicos vinha sendo disputada com vivo interesse, com

verdadeiro entusiasmo a eleição que, tinha por fim eleger o senado portuense, e por tanto a eleição camararia que se verificou no domingo preterito.

O partido progressista que tinha vindo empregando a sua actividade e energia, para a victoria lhe pertencer, alcançou a maioria da eleição. Os republicanos, tendo resolvido concorrer á urna, disputando maioria e minoria, sahiram vencidos da lucta, caberia-lhes a victoria, de minoria se não fosse á ultima hora de accordo que um grupo de independentes fizesse opposição aquelle partido, pois que os republicanos foram os terceiros a quem coube uma regular votação.

O Porto escolheu, e portanto é uma prova mais que clara, que apreciou as qualidades, obras e feitos d'aquelles que nomeou para zelarem e administrarem o Porto, a antig. e nobre cidade, tão notavel pelas suas honradas tradições, tão heroica pelos rasgos de philantropia que tem vindo praticado, através de tantos seculos.

A proposito: O partido regenerador, esse, absteve-se de fazer face, disputando assim a eleição. As innumeradas dissidencias que teem surgido dentro d'aquelle partido, os immensos disabores que o tem atravessado, tem sido base para lhe criar serias difficuldades, resultando d'ahi uma certa ruina e decadencia para aquelle partido.

O snr. dr. Pinto de Mesquita, um dos mais brilhantes caudilhos d'aquelle partido, um dos mais lucidos e vivos talentos d'aquelle grupo, a que tinha prestado por muita vez a sua actividade, defendendo e pugnando pelos interesses do seu ideal, pelo qual se sacrificou, acaba de retirar-se da politica activa, retirando-se assim á vida particular, abandonando d'este modo a politica e o partido, que agora mais que nunca necessitava dos dotes e qualidades oratorias do dr. Pinto de Mesquita, reanimando por essa forma o partido regenerador do Porto.

E' esta em resumo a verdade dos factos, não nos movendo paixões politicas, não nos efinhando rancores pessoas, pois como temos demonstrado, a nossa divisa é a Imparcialidade.

* * *

Eis-nos pois, na nossa santa paz.

Fizeram termo os actos electoraes, e nos pontos de reunião já não é discutido com tanto interesse e anciedade o assumpto que prendia com os momentos electoraes. Enviamos pois, esse punhado de noticias, que acabamos de colher e temos archivado na nossa pequena carteira de apontamentos, narremos:

Dr. Correia de Barros — O deputado eleito, pelo circulo de Bouças, snr. conselheiro Correia de Barros, foi, terça-feira ultima a S. Cosme de Gondomar, agradecer a sua eleição de deputado por aquelle circulo, aos numerosos amigos que alli conta, admiradores do seu talento e das qualidades que o exornam.

Foi acompanhado na visita por um grupo de cavalheiros, seus amigos, sendo-lhe alli offerecido em casa do abbade d'aquella freguezia um almoço, a que assistiram varios cavalheiros.

Foram levantados entusiasticos brindes. Proximo, uma banda marcial executava varias composições musicas.

Foi esta uma festa, com que mais uma vez provaram ao conselheiro Correia de Barros, a estima e sympathia que os seus amigos lhe dispensam.

Anniversario — Atravessa no proximo sabbado, o dia do seu 23.º anniversario natalicio, o nosso presado amigo e collega José Garcia.

José Garcia, um elevado character, uma generosa alma, um coração d'alabastro, sabe conquistar de todos os seus amigos, as mais sinceras e leaes provas de sympathia.

Se as flôres que ornam um bouquet, fossem uma prova de admiração, ás qualidades do nosso amigo, seria isso, o que lhe offereríamos, n'este dia.

Regosijando, nós, n'este momento, por um dia tão auspicioso e festivo, como este é, para o nosso amigo, n'um fraternal e cordealissimo abraço lhe expressamos as nossas felicitações.

Benemerito — Anselmo de Moraes, o incansavel protector das classes menos abastadas, cujo coração ainda sangra, pela irreparavel perda de sua esposa, suffragando a alma da sua saudosa companheira da vida, enviou á Liga das Artes Graphicas do Porto a quantia de 40\$000 réis com o fim d'aquella somma ser distribuida pelos socios d'aquella aggregração, que luctem com a falta de trabalho. Identicos donativos fez, a varios estabelecimentos de beneficencia e caridade.

O agradecimento d'este generoso procedimento, será tributado com as lagrimas que os infelizes, desprotegidos da sorte, verterão, ao serem contemplados com a dadiva do seu bemfeitor.

Partida — Procurando allivio a uma pertinaz doença que lhe ia torturando a existencia, partiu para Santo Antonio da Maia, a ex.^{ma} snr.^a D. Izaura Guimarães, filha estremeçada do nosso respeitabilissimo amigo snr. José Guimarães.

Um prompto allivio e que dentro em breve volte aos affagos de seus paes, é o que ardentemente desejam.

Finamento — Succumbiu o snr. José Tavares Junior, com 52 annos de idade, e que exercia o cargo de director tecnico do quadro typographic, na officina de obras do conceituado jornal o «Commercio do Porto».

Sentindo devéras o subito desaparecimento d'aquelle nosso camarada, enviamos a todos os seus, bem como aos nossos camaradas do «Commercio do Porto», a expressão do nosso sentimento, por tão doloroso golpe.

A ultima tourada — Temos domingo (se o tempo não impedir) uma attrahente corrida de touros no Real Colyseu. Dizemos attrahente não só por termos presentes os detalhes da tourada, como tambem, visto o fim humanitario a que se destina. Nada mais que socorrer dois empregados da praça que luctam ha muito, com a aguda crise de trabalho. A corrida é das de primeira ordem, e o gado dizem-nos estar de ha muito apartado para esta festa, ser corpulento e de boa estampa. Os camarotes e logares

de sombra, estão tomados, não restando algum. Oxalá que o nosso bom publico, sempre prompto a cooperar em actos humanitarios, saiba compensar os esforços e sacrificios dos dois beneficiados.

— Esta vac muito longa, não queremos abusar mais da bondade dos nossos leitores, e por hoje terminamos. Até já.

J. J. O.

ANNUNCIOS JUDICIAES

EDITOS

(1.ª Publicação)

No juizo de direito da comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão Coelho correm editos de sessenta e trinta dias, uns e outros contados da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo» citando pelos primeiros Antonio Gomes Leite, ausente no Brazil, provincia da Bahia e cidade de Santo Amaro, ignorando-se o seu estado e profissão, para fallar a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de sua mãe Maria Gomes Leite, que foi de Cassemes, de S. Vicente d'esta comarca e pelos segundos os credores e legatarios por ora desconhecidos para deduzirem os seus direitos no mesmo inventario, tndo sem prejuizo do seu andamento.

Ovar, 6 de Junho de 1892.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

João Ferreira Coelho.

(159)

ARREMATACÃO

(1.ª publicação)

No dia 13 do corrente por meio dia e á porta do tribunal da comarca, sito na Praça d'esta Villa, volta pela terceira vez á praça, e por todo o preço, por nas outras praças não ter tido lançador, o direito e acção que Antonia Maria de Jesus, viuva, da rua das Ribas, tem a quantia de réis 1:150\$000 que lhe devem José Manoel de Mattos Caravelle, e outros, da comarca d'Estarreja, na execução de sentença que João Fragateiro de Pinho Branco, d'esta villa, move contra aquella Antonia Maria de Jesus, e hade ser entregue a quem por elle mais offerecer.

Ovar, 7 de novembro de 1892

Verifiquei

O juiz de direito

Salgado e Carneiro

O escrivão

Eduardo Elysió Ferraz de Abreu

(157)

EDITOS

(2.ª Publicação)

Pelo Juizo de Direito da comarca de Ovar, e cartorio do Escrivão Coelho, correm editos de seis mezes chamando Antonio da Cunha, ausente em parte incerta, pronunciado ha mais de seis mezes no processo de querella que lhe move o Ministerio Publico pelo crime de subtracção fraudulenta de dinheiro da gaveta de uma meia commoda na casa de seu patrão Salvador Pereira, do Bairro de S. Pedro, d'esta villa, no dia 26 de Julho de 1877, afim de ser julgado, sob pena de, não se apresentando dentro do referido praso, ser julgado á revelia sem nenhuma outra citação, podendo ser preso por qualquer pessoa do povo ou official de justiça.

Ovar, 24 de Abril de 1892.

O escrivão,

João Ferreira Coelho.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

158

Annuncios

AGRADECIMENTO

Jayme Pereira dos Santos, Maria Pereira dos Santos, Maria Baptista Zagallo dos Santos, Maria Carvalho dos Santos, José Maria Pereira dos Santos e José Maria Carvalho dos Santos agradecem penhorados a todas as pessoas que os cumprimentaram por fallecimento de sua chorada mãe e avó Rosa d'Oliveira Gomes e a todos protestam gratidão.

Ovar 26 d'Outubro de 1892.

VENDE-SE

Uma armação propria para uma loja de merceria.

N'ESTA REDACÇÃO SE DIZ

BOM NEGOCIO

Trespasa-se o Hotel do Furadouro ou vende-se todos os moveis pertencentes, por seu dono não o poder administrar.

Tambem vende um bilhar, de nogueira e pao setim em bom uso.

O proprietario

Silva Cerveira.

OVAR

CASA

Vende-se uma casa de moinhos, com tres rodas, sita nos Pellames.

Quem quizer comprar dirija-se a Rosa da Silva Dias, viuva, da rua dos Lavradores, da Villa d'Ovar.

BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES

100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 480 PAGINAS

Os romances, mesmo os maiores, nunca excederão o preço de 400 ou 500 reis, como por exemplo o celebre romance OS MYSTERIOS DE PARIS, (5 volumes) que nos propomos publicar mais tarde, e que apenas custará CINCO TOSTOES!!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Risler Senior

POR

ALFONSE DAUDET

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA OS
Companheiros do punhal

POR

L. STPLEAUX

Romance dramatico da maior sensação
ILLUSTRADO

Por semana uma caderneta ao preço de 60 reis.

Publicada a 1.ª caderneta e á venda n'esta localidade e nos escriptorios da Empreza editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa, onde se dirigirão os pedidos.

UM TIRO DE REWOLVER

POR

JULIO MARY

A este seguir-se hão—O Castello da Raiva de L. Stapleau—Um drama de revolução de Ernesto Daudet Mont Oriot, de Guy de Maupassant.—O grande industrial e Sergio Panine de George Ohnet.—Clotilde de Alphonse Karr.—Supho de A. Daudet.

CONDIÇÕES DAS ASSIGNATURA

Lisboa e Porto, cada volume pago no acto da entrega 100 reis.

Provincias, ilhas e ultramar, cada volume, franco de porte 120 reis. Pagamento adjantado.

Assigna-se em Lisboa no escriptorio da Empreza da BIBLIOTECA ECONOMICA, T. da Queimada, 35.

CONSULTORIO MEDICO-CIRURGICO

DE

MOLESTIAS DE SENHORAS E CRIANÇAS

DAS MEDICAS

Laurnda de Morae Sarmento

e

Amelia de Morae Sarmento

CONSULTAS

Das 11 horas da manhã ás 3 da tarde
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

759, RUA DO ALMADA, 759,

PORTO

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição, correcta e augmentada pelo auctor.

Sairá em cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 reis.

EDITORES BELEM & C.ª

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSÉ NICOLAU NAPOSO BOTELHO

Major de Infantaria
e ex-professor do Lyceu Central do Porto

PORTO

Magalhães & Moniz—Dditores

REPORTORIO SYNOPTICO

DA

LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

POR

J. GARCIA DE LIMA

Cada fasciculo em formato grande, bom typo e bom papel 100 reis; pelo correio 105 reis. Requisições á Empreza Editora—LETRAS E LEIS.

A cobrança é feita por séries de seis fasciculos. —Beco da Amoreira, 9, 3.º

No prélo:—Diccionario de Jurisprudencia e Legislação Portuguesa. Preço do fasciculo 100 reis; pelo correio 105 reis, pedidos á empreza editora—LETRAS E LEIS.

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.ª
26, Rua do Marechal Saldanha
26—Lisboa.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços **multo reduzidos** para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portuguesa, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados. agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

LOÉN TAXIL

OS MYSTERIOS

DA

FRANC-MAÇONARIA

VERSÃO PORTUGUEZA DO

P.ª FRANCISCO CORREIA PORTOCARREIRO

Com uma dedicatória
do auctor a sua magestade

A RAINHA D. AMELIA

Com auctoriseção do em.º e rev.º sr.

CARDEAL D. AMERICO

BISPO DO PORTO

Obra que mereceu um breve
de S. Santidade Leão XIII, animando-o,
e abençoando-o, e que foi louvado
pelos ex.ºs e rev.ºs srs.

Arcebispo de Paris, Arcebispo de Rennes, Bispo de Montpelier, Bispo de Coutances, Bispo de Seez, Arcebispo de Gran, Arcebispo de Turim, Bispo de Soissons, Arcebispo de Colocza, Arcebispo de Auch, Arcebispo de Napolis, Bispo de Rodez, Bispo de Bayeux, Arcebispo de Chambery, Bispo de Bannes, Bispo de Marselha, Arcebispo d'Aix.

A obra constará de dous volumes distribuida em fasciculos de 32 paginas de texto com quatro ou mais gravuras Preço de cada fasciculo 100 reis, pagos no acto da entrega; para as provincias é franco de porte. Os assignantes da provincia pagarão de cinco em cinco fasciculos, enviando-se-lhes n'essa occasião o competente recibo. Concluida a publicação será elevado o preço.

Distribuir-se hão tres fasciculos por mez. Todas as pessoas que angariarem dez assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, receberão um exemplar gratis.

Acceitam-se correspondentes nas terras onde os não ha; a commissão é de 20 p. c., garantindo mais de cinco assignaturas.

Assigna-se em todas as livrarias do reino e em casa do editor Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 113—Porto, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia.

MAUCÍCIO GUÉIN

SEGREDOS DA SCIENCIA ARTES E OFFICIOS

Variadas e curiosas receitas e processos de physica e chimica pratica sobre artes, Economia domestica, Photographia, etc.

RECREAÇÕES SCIENTIFICAS

Surprehendentes sortes e experiencias, Cryptographia, methodos para correspondencias secretas, 27 gravuras explicativas.

A' venda em todas as livrarias.

Preço..... 400 reis

" 420 "

Deposito—Livraria Portuguesa, Loyos, 56—Porto.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.º
de 1 de Julho

Preços: 1 anno reis
4\$000—6 mezes 2\$100
rs.—Numero av. lso rs.
200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENELOUX, SUCCESSORES—PORTO.

OS BURROS

OU

O REINADO DA SANDICE

Poema heroica-comico, satyrico, em seis cantos, reproduzido in-extenso com todas as liberdades do original.

Preço, br. . . . 300 reis.

Pelo correio franco de porte quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio.

A' Livraria—Cruz Coutinho—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.